

Futebol e futsal de mulheres: estigmas e avanços

Women's soccer and futsal: stigmas and advances

Gustavo Henrique de Almeida-Silva, Victor Barbosa Ribeiro

Instituto Federal de São Paulo (IFSP), Jacareí, Brasil

HISTÓRICO DO ARTIGO

Recebido: 10 março 2022

Revisado: 03 junho 2022

Aprovado: 03 junho 2022

PALAVRAS-CHAVE:

Futebol de mulheres;

Futsal de mulheres; Mídia.

KEYWORDS:

Women's soccer;

Women's indoor soccer; Media.

PUBLICADO:

23 junho 2022

RESUMO

OBJETIVO: Verificar se ainda há relatos de preconceito com o futebol e futsal de mulheres e padrões determinados pela mídia, bem como avanços na divulgação do futebol e futsal de mulheres e identificar quais motivações a sociedade oferece para a prática dessas modalidades pelas mulheres.

MÉTODOS: O estudo trata-se de uma revisão sistemática. Foi realizada uma busca de artigos sobre o tema na base de dados Portal Periódicos da Capes publicados entre as datas 5 de agosto de 2016 e 5 de agosto de 2021, sendo selecionados os artigos que corresponderam com o tema proposto e excluídos todos os que eram revisões bibliográficas, resenhas, livros, teses, dissertações, e estudos que não abrangessem o tema escolhido.

RESULTADOS: Foram selecionados 15 artigos. Desses, 6 envolveram entrevistas com a temática futebol; 3 com a temática futsal; 3 análises de conteúdo de site de grande circulação e 3 análises documentais, sendo 1 associado à entrevistas. Esses estudos apresentaram em sua maioria relatos de mulheres e meninas sobre os preconceitos e padrões impostos que limitam a participação delas no futebol e futsal, que ainda vigoram. Também foi identificada literatura que menciona a dificuldade quanto a iniciação das mulheres no esporte. Por fim, alguns artigos que de certa forma dão esperanças de mudanças, que citam o aumento da divulgação da modalidade na mídia, bem como estratégias para o empoderamento e aproximação das mulheres com a prática.

CONCLUSÃO: Foi possível concluir que o preconceito contra o futebol e futsal de mulheres ainda persiste, bem como que os relatos de oportunidades e motivações para iniciação à prática por mulheres ainda são raros. Entretanto, houve aumento da divulgação das modalidades nas mídias televisivas aumentou, o que pode melhorar esses fatores num futuro breve. Adicionalmente políticas públicas de incentivo precisam ser mais exploradas.

ABSTRACT

OBJECTIVE: To verify if there are still reports with prejudice against women's field soccer and indoor soccer and there are still standards practiced by the media, as well as advances in the propaganda of women's field soccer and indoor soccer and to identify what reasons that society offers to practice these modalities by womens.

METHODS: The study is a literature review. The search for articles on the topic was carried out in the Cape's Portal Periodicals database that were published between August 5th, in 2016 and August 5th, in 2021, and were selected articles that corresponded to the proposed theme and excluded all bibliographies, reviews, books, theses, dissertations, and studies that didn't cover the chosen topic.

RESULTS: Fifteen articles were selected. Of these, 6 were involved in soccer theme's interviews; 3 with indoor soccer's topic; 3 in contents' analyses in a widely circulated website and 3 documentary analyses, which 1 is associated with interviews. These studies mostly showed reports by women and girls about the prejudices and patterns that limit their participation in field soccer and indoor soccer, which still exist. It was also identified literature that mentions the difficulty of women initiating this kind of sport. Finally, some articles that gives hope for change, which cite the increase in the dissemination of the media, as well as strategies for empowerment and bringing women closer to the practice.

CONCLUSION: It was possible to conclude that prejudice against women's field soccer and indoor soccer still persists, as well as the reports of opportunities and motivations to initiate women's practice are still rare. However, there was an increase in the dissemination of the modalities in the television media, which may improve these factors in the future. Additionally, incentive of public's policies need to be further exploited.

INTRODUÇÃO

Um dos esportes mais praticados no mundo, o futebol possivelmente chegou ao Brasil entre o final do século XIX e o início do século XX e há relatos que desde então as mulheres já o praticavam (COSTA, 2016). Entretanto, elas enfrentaram dificuldades, como apontado por Mourão e Morel (2005), que apresentaram informações de que o início do futebol de mulheres no Brasil foi visto como piada em jornais:

“A partida estava sendo disputada com entusiasmo. As pequenas empregaram-se com o extraordinário ardor. De vez em quando, uma acertava a bola ou está batia nelas, de maneira a fazer vibrar a assistência [...]” (MOURÃO; MOREL, 2005, p. 76).

Além disso, o futebol para elas não durou tanto tempo, devido à instituição do artigo 54 do Decreto Lei 3.199 de 1.941 (BRASIL, 1941) que afirmava:

“Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este feito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país” (BRASIL, 1941).

Este Decreto foi apoiado inclusive por médicos da época que se “preocupavam” com os riscos que o futebol poderia trazer ao organismo feminino (FRANZINI, 2005):

Não é no futebol que a juventude feminina se aperfeiçoará. Pelo contrário – é o futebol o esporte que lhe trará defeitos e vícios; alterações gerais para a própria fisiologia delicada da mulher, além de outras consequências de ordem traumática, podendo comprometer seriamente os órgãos da reprodução (ovário e útero) (FRANZINI, 2005, p. 321).

A resistência sofrida no futebol também acompanhou diversas outras modalidades vistas como “incompatíveis com a natureza feminina”, como as lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, pólo, *rugby*, halterofilismo e *baseball*” (FRANZINI, 2005). A lei durou até a década de 1980 quando foi revogada e acompanhou a criação de departamentos de futebol de mulheres em diversos clubes do país (FRANZINI, 2005). Quanto à organização da seleção feminina de futsal, esta ocorreu em 2001 frente ao ano de 1969, quando se teve a primeira masculina (KESLER, 2010).

Para além da força e contato físico, existia também a preocupação referente à exposição dos corpos, à vulgarização e desmoralização dos mesmos (GOELLNER, 2005). Além disso, havia um receio da modernização da mulher, da perda da sua feminilidade, da sua inserção em outros espaços e conseqüente perda do controle sobre as mesmas (GOELLNER, 2005). Por mais que tais condições tenham evoluído, infelizmente ainda é possível perceber que as mesmas não foram totalmente superadas. Recentemente, Simone Biles, americana medalhista olímpica de ginástica rebateu críticas quanto ao seu corpo.

As críticas se deram em torno dos músculos do seu corpo com falas como: “Suas costas têm mais músculo do que a minha” e “Gorda” e a resposta dada foi “Vocês todos podem julgar o meu corpo o quanto quiserem, mas no fim do

dia é o MEU corpo. Eu o amo e estou confortável na minha própria pele” (REDAÇÃO MARIE CLAIRE, 2021).

No futebol os preconceitos também são relatados em reportagem. Marta, jogadora de futebol eleita seis vezes a melhor do mundo, deu entrevista tratando sobre preconceitos que já sofreu e ainda relatou:

“No mundo inteiro, existem meninas que se sentem do mesmo jeito. Meninas que recebem olhares, meninas que são questionadas sobre estar ali, meninas que são expulsas de campeonatos e que recebem apelidos nada elogiosos. Mas essa solidão não vai durar. E não vai demorar muito para que vocês estejam todas jogando juntas” (ISTOÉ, 2017).

Aliás, é importante que seja dito, Marta mesmo sendo eleita seis vezes melhor do mundo no futebol feminino, passou por uma situação que se repete em vários outros ramos de trabalho, o de desigualdade salarial perante os homens de mesma profissão. Segundo o jornal O Globo (2021) Marta recebia o equivalente a 1% do salário que Neymar faturava naquele momento. Esta informação acabou se tornando questão do ENEM, que por sua vez foi criticada pelo presidente do Brasil (O GLOBO, 2021)

Contudo, ainda que a passos lentos, não podemos negar que avanços tenham ocorrido. A existência de eventos em nosso país como as Olimpíadas em 2016; a transmissão de jogos da Copa do Mundo de Futebol em rede aberta e fechada em 2019; a obrigatoriedade dos clubes, cujo futebol masculino dispute a Libertadores, de se ter times e centros de treinamento para o futebol feminino, como critério para participar da competição e não ser punido e o fechamento de pacotes pela Globo/Sportv para transmissão de jogos do campeonato brasileiro impulsionaram e podem impulsionar ainda mais o futebol para mulheres, auxiliando na redução dos preconceitos e estigmas acerca da modalidade, tanto por pessoas de gerações passadas que conviveram com tais condições e principalmente com as novas gerações.

Ainda que existam várias reportagens e evidências científicas que abordem a questão histórica relacionada ao futebol e futsal para mulheres, entendemos que o assunto ainda carece de revisões mais recentes que apontem sobre o que os pesquisadores da área têm pesquisado sobre o assunto nos últimos anos diante desse avanço do futebol e futsal de mulheres. Dessa forma, o presente estudo teve como objetivos verificar em artigos originais publicados entre os anos de 2016 e 2021, se ainda há relatos de preconceito com o futebol e futsal para mulheres, analisar se ainda há padrões determinados pela mídia, bem como avanços na divulgação do futebol e futsal de mulheres e identificar quais motivações a sociedade oferece para a prática dessas modalidades pelas mulheres.

MÉTODOS

O presente estudo trata-se de uma revisão bibliográfica sistemática envolvendo a temática futebol e futsal de mulheres das publicações de artigos originais recentes entre os anos de 2016 e 2021. De acordo com Ciliska, Cullum e Marks (2001, p. 100):

“Uma revisão sistemática é uma síntese rigorosa de todas as pesquisas relacionadas a uma questão específica [...]”. “As revisões sistemáticas diferem das revisões não sistemáticas na medida em que tentam superar possíveis vieses em todas as etapas, seguindo uma metodologia rigorosa de busca, recuperação de pesquisa, avaliação da

pesquisa recuperada quanto à relevância e validade (qualidade), extração de dados, síntese de dados e interpretação" (CILISKA; CULLUM; MARKS, 2001).

Para isso, foi realizada uma busca de artigos sobre o tema através da base de dados Portal Periódicos da Capes, onde foram avaliados os artigos publicados entre 5 de agosto de 2016 a 5 de agosto de 2021. De acordo com a Capes, o Portal de Periódicos da Capes oferece acesso a textos completos disponíveis em mais de 49 mil publicações periódicas, internacionais e nacionais, e há diversas bases de dados, dentre elas, bases como Scielo, EBSCOHost, CrossRef Serach, Google Acadêmico, LILACS, dentre outras (CAPES, 2021).

Além disso, optou-se por essa base por ser de fácil acesso, totalmente gratuita e amplamente utilizada e divulgada nas universidades brasileiras. A partir dessa busca, foram selecionados todos os artigos originais que corresponderam com o tema proposto, sendo excluídos todos os que eram revisões bibliográficas, resenhas, livros, teses, dissertações, e estudos que não abrangessem o tema escolhido.

Para a realização da busca foram utilizados os cruzamentos das palavras-chave "futebol feminino" and "preconceito"; "futebol feminino" and "mídia"; "futebol feminino" and "sociedade"; "futsal feminino" and "preconceito"; "futsal feminino" and "mídia"; "futsal feminino" and "sociedade", que foram determinadas a partir do que se objetivava o estudo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante dos métodos adotados, foram identificadas 1324 produções científicas do Portal Periódicos Capes. Dessas, 240 produções apareceram quando se buscou pelas palavras-chave "futebol feminino" AND "preconceito"; 273 com "futebol feminino" AND "mídia"; 557 com "futebol feminino" AND "sociedade"; 132 com "futsal feminino" AND "sociedade"; 68 com "futsal feminino" AND "mídia" e 54 com "futsal feminino" AND "preconceito".

Após leitura de títulos e resumos foram selecionados, respectivamente, 8, 8, 9, 7, 5 e 9 artigos. Dos 52 artigos previamente elegíveis, 37 foram excluídos em seguida, pelo fato de estarem em duplicidade (Figura 1), sendo selecionados 15.

Desses, 6 envolveram entrevistas com a temática futebol; 3 com a temática futsal; 3 análises de conteúdo de site de grande circulação e 3 análises documentais, sendo 1 associado a entrevistas. Toda a análise discursiva em torno desses artigos foi categorizadas em três tópicos, sendo eles: 1) Preconceitos: ainda existem?; 2) Atuação da mídia: qual a repercussão?; 3) Sociedade, motivações e acessibilidade ao futebol e futsal de mulheres nos tempos atuais.

Preconceitos: ainda existem?

Embora, avanços tenham acontecido ao longo dos anos e existam diversas motivações para a permanência em modalidades como o futebol, quando se trata do futebol de mulheres, infelizmente ainda há muito preconceito (SALVINI; MARCHI JÚNIOR, 2016). Um dos estudos identificados em nossa busca, analisou o discurso de 4 jogadoras

que faziam parte do elenco de um clube de futebol amador da cidade de Curitiba (PR) e que já tinham feito parte da seleção brasileira por pelo menos uma vez em suas carreiras (SALVINI; MARCHI JÚNIOR, 2016).

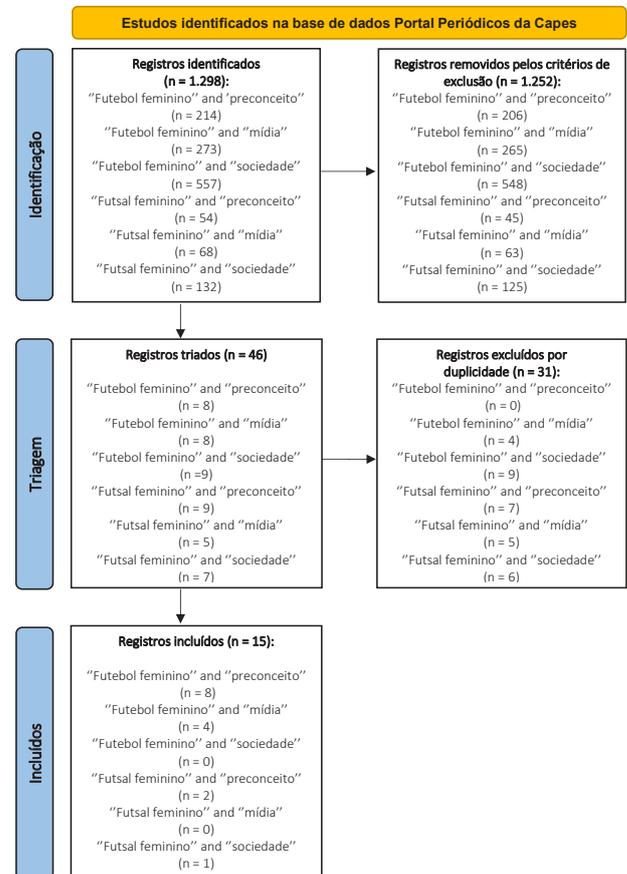


Figura 1. Fluxograma de busca, identificação, seleção e inclusão dos artigos.

Fonte: Dados da pesquisa. Elaborada pelos autores.

Alguns dos discursos resgatados pelos autores e que traduzem o contexto do preconceito são apresentados na fala das jogadoras 1, 3 e 4:

É complicado às vezes quando perguntam o que você faz [...] em primeiro lugar sou atleta e depois professora de Ed. Física, aí as pessoas perguntam joga o que? Futebol, "ah legal"! Muitas vezes você ouve um legal não muito legal, mas isso nunca afetou. Eu nem vou entender muito com relação a isso porque o preconceito é tudo aquilo que as pessoas não entendem, não sabem e não vivem. (Jogadora 4) (SALVINI; MARCHI JÚNIOR, 2016, p. 304).

É enfatizado ainda pela jogadora 1 que "[...] acho que todas as meninas que jogam já sofreram ou sofrem algum tipo de preconceito". A jogadora nomeada na pesquisa como jogadora 3 alega que nunca sofreu preconceito direto, mas sim de uma forma velada. Ela diz que já viu olhares diferenciados e ainda relata ouvir que "[...] ah você joga futebol? Que legal, mas é diferente né? Achei que só homem jogava" (SALVINI; MARCHI JÚNIOR, 2016, p. 304).

O estudo de Salvini e Marchi Júnior (2016) mostrou que as barreiras para permanecer no futebol de mulheres, se-

gundo as jogadoras, é o preconceito, a falta de reconhecimento e a falta de incentivo, tanto financeiro como familiar, o que corroborou parcialmente com os resultados da pesquisa de Gavião, Ilha e Falcão (2018), que retrataram que além do preconceito e da questão financeira que são barreiras severas para a prática do esporte, há ainda a questão dos espaços físicos que assim como a questão financeira estão atrelados ao pensamento de abandono pelo poder público. Além disso, há a falta de patrocínios e políticas públicas que poderiam estar colaborando com o futebol amador.

Costumeiramente, se analisarmos, é comum vermos escolhinhas de futsal para homens, espaços e investimento no futebol e futsal, incluindo apoio de patrocinadores de grandes marcas, altos salários para jogadores, o que ainda não reflete quando se trata do futebol para mulheres. Sobre este assunto, de acordo com Goelner (2005):

O apelo à beleza das jogadoras e a erotização de seus corpos tem como um dos pilares de sustentação o argumento de que, se as moças forem atraentes, atrairão público aos estádios e portanto, ampliarão os recursos captados com os jogos, propagandas, produtos e serviços a girar em torno da modalidade. Atrairão, sobretudo, patrocinadores, cuja ausência é comumente apontada pela mídia esportiva como um dos grandes problemas do futebol feminino no Brasil (GOELNER, 2005, p. 147).

Um dos exemplos que deveria ser seguido, no que tange à igualdade em condições financeiras, é o que foi acordado junto às seleções masculina e feminina de futebol dos Estados Unidos, onde foi determinado igualdade para pagamentos e prêmios entre as seleções, inclusive em copas do mundo (DAS, 2022). Por mais simples que pareça, esse acordo também teve seus percalços e fez parte de um acordo para encerramento de um processo por discriminação contra a *US Soccer*.

Além das barreiras citadas, outro estudo encontrado em nossa busca apresentou o caso de duas ex-atletas da seleção brasileira de futebol de mulheres, Dayane de Fátima da Rocha e Marina Toscano Aggio de Pontes, que discursaram sobre as dificuldades que elas vivenciaram em suas carreiras quanto à pressão para uma adequação às normas de gênero sobre seus corpos, vestuários e comportamentos (SOUZA; CAPRARO; SILVA, 2017):

[...] a mídia influencia muito a relação mulher e esporte. Então ela quer juntar todos esses fatores, mas, na realidade, isso é muito diferente, porque a 'mulher esporte' [...] não é bonita, não é maravilhosa e não usa salto, apesar do lindo corpo que ela tem [...]. (Marina Toscano Aggio de Pontes). (SOUZA; CAPRARO; SILVA, 2017, p. 889);

[...]Lembro assim até hoje que muitas vezes meu pai saiu na porrada com outros pais porque eles falavam 'E, menina tem que estar ajudando a mãe lavar louça, única coisa que sabe fazer é crochê'. Foi uma época em que sofri preconceito e isso afetou a minha família muitas vezes [...]. (Dayane de Fátima da Rocha) (SOUZA; CAPRARO; SILVA, 2017, p. 888).

A realidade é que de fato apesar de nos encontrarmos no século XXI, vários aspectos reproduzidos socialmente, ainda refletem em outros âmbitos, como no esporte. Nos atentaremos à temática mídia mais adiante, mas não poderíamos deixar de contextualizar a fala de uma das entrevistadas, quando citou os padrões preestabelecidos por uma mídia. Talvez, por mais que tenhamos avançado em vários aspectos positivamente, a atuação da mídia em

ditar normas seja inclusive de forma mais intensa do que antigamente, em função dos diversos meios de comunicação existentes na atualidade, incluindo as redes sociais.

Corroborando às ideias anteriores, um estudo recente de 2017, realizado por Trajano et al. (2017), apresentou o relato de uma atleta de apenas 15 anos do time amador juvenil de futsal de mulheres da cidade de Barra do Garças, Mato Grosso, em que ela dizia que quando saía de um jogo e estava com uniforme, ouvia as pessoas comentando: "nossa, igualzinho um homem". Abaixo segue o relato de outra entrevistada (TRAJANO et al., 2017):

Quando participava de jogos Regionais, a nossa seleção sempre sofria discriminações. Nos chamavam de "sapatão", "mulher-macho", dentre outros apelidos pejorativos, sempre relacionados com nossa sexualidade (Marta) (TRAJANO et al., 2017, p. 81).

Como pode-se perceber uma das heranças do passado ainda perpassa pela vinculação de quais são os esportes para homens e quais são para mulheres. O futebol para mulheres historicamente teve sua proibição pelo Decreto Lei 3.199 de 1.941 (BRASIL, 1941), sendo considerado um esporte impróprio e violento para a natureza delas. A sociedade, infelizmente, ainda rotula não só esportes, mas vários outros aspectos como algo sendo exclusivo de homens ou de mulheres. É o que retrata a pesquisa de Bandeira e Costa (2019) que identificaram que os pais e familiares de crianças as influenciaram nas suas escolhas de brinquedos e brincadeiras. Dessa forma, essas categorizações muitas vezes ocorrem desde pequeno, sendo passadas de geração para geração e essa predeterminação e conceito de separação do que é para cada gênero acaba por gerar os preconceitos futuros em relação ao que for visto diferente do que foi preestabelecido desde cedo por aquela família ou meios informação interligados àquelas crianças.

Para além dos estudos já mencionados aqui, um assunto muito importante foi tratado no estudo de Passero et al. (2020). Esses pesquisadores verificaram entre os anos de 2013 e 2019, a quantidade de mulheres atuantes como treinadoras, auxiliares técnicas, preparadoras físicas, massagistas, treinadoras de goleiras, fisioterapeutas, médicas e no quarteto de arbitragem no campeonato brasileiro de futebol feminino. Foi apresentado que os homens representavam mais de 80% dos profissionais da comissão técnica, enquanto apenas 39% estavam atuando como árbitras principais e havia outras 59% atuando como árbitras assistentes, existindo assim apenas um lento aumento da participação das mulheres ao longo dos anos (PASSERO et al., 2020).

Diante dos achados, o cálculo feito é de que a tendência relacionada à igualdade numérica entre homens e mulheres nessas atividades só seria alcançada a partir da décadas de 2030. Infelizmente tal condição reflete mais um contexto observado socialmente em outras profissões, que é a baixa representatividade das mulheres em cargos de liderança, fruto mais uma vez de todo um contexto histórico de desprivilégios.

Se até o momento havia sido relatado, ao longo dessa discussão, apenas aspectos para serem superados socialmente, Silva e Nazário (2018) por outro lado, apresentaram estratégias positivas de resistência para serem seguidas pelas equipes e gestões de futebol de mulheres.

A partir de uma coleta de dados históricos, história oral e entrevistas em grupos e individuais relativas à equipe de futsal de mulheres da Sociedade Esportiva Recreativa e Cultural Chimarrão da cidade de Estância Velha (RS) os autores identificaram que ao se investir na qualidade técnica e tática da equipe, ao construir espaços pedagógicos para a vivência da prática do futsal de mulheres e ter as atletas presente em eventos sociais e comerciais, o futebol poderia ser difundido na região e as atletas poderiam construir uma rede de relações com a comunidade, auxiliando no confronto junto às tradicionais representações de gênero; aumentar a visibilidade ao esporte e atrair a atenção dos patrocinadores, aumentando seus respectivos prestígio e autonomia (SILVA; NAZÁRIO, 2018).

Dessa forma, diante dos estudos publicados entre os períodos averiguados no presente estudo, é perceptível que o preconceito no futebol e futsal de mulheres é mantido em evidência, ainda que isso possa ocorrer de uma forma menos enfática do que antigamente, quando até o Decreto-Lei existia. Pode parecer repetitiva essa fala, mas acreditamos que evidenciá-la é importante, mostrando a presença ainda constante desses preconceitos e incômodos, para que tentemos em algum momento superá-los. Ainda que tenha sido apenas uma evidência, o estudo de Silva e Nazário (2018) apresentou um bom caminho para minimizar essa situação e “normalizar” o conceito de que essas práticas são universais, sem qualquer distinção entre gêneros.

Atuação da mídia: qual a repercussão?

Ao longo dessa discussão foi retratado sobre os estereótipos que a sociedade tem sobre as meninas e a pressão quanto à adequação de gênero que as jogadoras sofrem, e um dos objetivos da nossa pesquisa foi saber como a mídia se comporta mediante a tal situação. Alguns estudos dentro do período que nos propomos a estudar, trouxeram algumas situações a respeito. No estudo de Nascimento e Said (2018) foram observados que os programas do “Globo Esporte” e do “Esporte Espetacular” apoiaram as atletas na busca pelo ouro nos jogos Olímpicos de 2016 e que as matérias trouxeram reconhecimento e visibilidade para as modalidades aqui tratadas. Além disso, a mídia mostrou a importância da torcida brasileira como incentivo para as partidas de futebol e futsal de mulheres, e ainda mais, foi apresentada a evolução dos brasileiros que cada vez mais tem se mostrado menos ignorante quanto a prática desses esportes.

Entretanto, a mídia ainda reforça estereótipos quanto ao mundo de mulheres, mesmo que de forma “suave”. Nascimento e Said (2018) mostraram que “na matéria “Seleção de futebol de mulheres terá decisão contra a Austrália no Mineirão” (“Globo Esporte”, 12/08/2016) ” uma das repórteres associou as atletas à expressão “coração de mãe”, o que reforça a ideia de que a mulher já nasce com o dom de ser mãe e de que as mulheres são mais sentimentais e emotivas, trazendo uma ideia de fragilidade. Apesar disso, de uma maneira geral, concluíram que a mídia tem rompido barreiras estereotipadas, evidenciando outras formas de representações (NASCIMENTO; SAID, 2018).

Adicionalmente, também foi verificado que a mídia tem se mostrado mais ativa quanto ao futebol e futsal de

mulheres nos últimos anos. Na pesquisa de Januário, Lima e Leal (2020) foi apresentado que houve um crescimento de 533% no número de notícias entre as copas de 2015 e 2019 nos sites da “ESPN”, “Globo Esporte” e “UOL Esporte”. No ano de 2015 foram contabilizados um total de 69 notícias referente a copa do mundo feminina nos sites já listados, enquanto no ano de 2019 houve um total de 437 notícias, havendo dessa forma, um grande avanço quanto à visibilidade dada a copa feminina.

O envolvimento da mídia não tem crescido apenas em sites. A partir do estudo de Mazo, Balardin e Bataglion (2020) foi observado que, enquanto no ano de 2016 houve apenas quatro reportagens se tratando do futebol de mulheres no Globo Esporte do Rio Grande do Sul, no ano de 2017 houve um aumento de 84%, totalizando 25 reportagens. O motivo disso foi a mudança do regulamento da Conmebol (Confederação Sul-Americana de Futebol) que em seu novo regulamento prevê que:

“O solicitante (à licença) deverá ter uma primeira equipe feminina ou associar-se a um clube que já possua equipe feminina. Além do mais, deverá ter, pelo menos, uma categoria juvenil feminina ou, igualmente, associar-se a um clube que possua” (MAZO; BALARDIN; BATAGLION, 2020, p. 64).

Segundo Costa (2018) essa nova medida adotada pela CONMEBOL, pode trazer “bons frutos”, fazendo com que os clubes voltem a investir no futebol de mulheres e que dê uma maior visibilidade a esta modalidade. Além disso, o incentivo por meio de projetos pode trazer um avanço a mais na política de participação e ingresso das mulheres no futebol (ANJOS et al., 2018). Um dos exemplos é o “Guerreiras Project” que é um projeto do qual traz à tona discussões sobre a desigualdade de gênero existentes dentro do campo, através de palestras, entrevistas, oficinas, produções de multimídia etc. O projeto atrai visibilidade ao esporte, o que colabora com novas ingressões à modalidade.

Diante do exposto, é relevante ser considerado que desde a criação do futebol e futsal, houve dificuldades e limitações referentes à inserção da mulher nessas modalidades. Entretanto, é perceptível que houve avanços, ainda que tímidos, a partir da análise da bibliografia estudada, que evidenciou uma abordagem importante de cobertura da mídia quanto ao futebol de mulheres, fruto de muitos movimentos e lutas para chegar a essas conquistas.

Sociedade, motivações e acessibilidade ao futebol e futsal de mulheres nos tempos atuais

Antes de tudo, é importante entender como geralmente é o primeiro contato das meninas com o futebol/futsal de mulheres e as influências que elas têm para o início com o jogar. Para isso, foi recorrido à pesquisa de Costa et al. (2019), onde teve como objeto de estudo entender esse contexto envolvendo 12 adolescentes de 15 a 17 anos e o treinador da instituição de Várzea-grandense de ensino, em Mato Grosso. O estudo mostrou que as alunas da instituição começaram a prática entre 7 e 10 anos de forma indireta, tendo a família e os amigos como influência para começar a jogar. Adicionalmente, os principais locais em que houve o primeiro contato com a modalidade foi a rua, os campinhos de bairros e até mesmo dentro de casa, sem

a presença de um profissional, como por exemplo, foi dito pela E3, uma das entrevistadas: “[...] comecei na rua, nos campinhos, sempre “racha”, eu tinha uns 10” (COSTA et al., 2019). A fala dessa aluna é interessante, já que se difere da pesquisa de Gavião, Ilha e Falcão (2018), onde é apontado que a escola, através da educação física escolar, é a principal categoria motivacional para a adesão ao esporte.

Quando se trata sobre os motivos que levaram ao interesse pelo futebol de mulheres nas escolas, há relatos em uma pesquisa que são os sentimentos positivos, sentimentos os quais estão relacionados a achar a prática legal, emocionante ou interessante (MAFFEI; VERARDI; CARVALHO, 2020). Este estudo foi realizado com 47 alunas do terceiro ano do ensino médio de quatro escolas estaduais de Santa Cruz do Rio Pardo, que também trouxeram respostas sobre quais seriam os motivos que levavam ao desinteresse pelo futebol de mulheres. De um modo geral, os relatos envolvidos aos sentimentos negativos estão entrelaçados a não gostar/não curtir a prática. O segundo motivo mais votado, mas que merece um maior destaque é o fato de os meninos não deixarem as meninas jogarem, monopolizando a prática, o que mostra a opressão e o machismo por parte deles sobre as meninas, que podem ter aprendido dentro de casa, na televisão, na rua ou até mesmo no próprio ambiente escolar (MAFFEI; VERARDI; CARVALHO, 2020).

Algumas outras condições podem favorecer o surgimento de motivações para permanência no esporte, mesmo diante de adversidades. Dentre elas estão o controle do estresse, o prazer, a sociabilidade e a saúde (GAVIÃO; ILHA; FALCÃO, 2018). Embora esses resultados se refiram ao futebol de mulheres, eles não se diferem muito quando se retrata sobre o futsal de mulheres, já que na pesquisa de Souza et al. (2017) foi identificado junto às participantes do estudo que suas principais motivações para a permanência no futsal eram os fatos de gostarem da prática e divertir-se (que pode se associar ao prazer), reencontrar os amigos (categoria relacionada a sociabilidade), aliviar o estresse e manter a saúde em dia.

Através das poucas leituras que encontramos em nossa busca, observamos que talvez não haja de fato o desinteresse pela prática, talvez falte mais divulgação, mais experimentação, mais espaço nas aulas de educação física escolar para elas, mais espaços públicos, mais ações e menos repreensão da sociedade etc. Costa et al. (2019) concluíram que o motivo pela qual as meninas de Várzea Grande começaram a prática sem uma orientação profissional é porque em nosso país há poucas escolas de iniciação para as meninas, sendo esse um dos principais fatores que dificultam o desenvolvimento da modalidade.

Dessa forma, é importante que se instigue que mais projetos como o “Guerreiras Project” já exposto em outro momento aqui, que buscou dar maior empoderamento para as mulheres e que dentre as ações promovidas estavam aquelas que miravam a construção do debate sobre as desigualdades de gênero e suas possibilidades de superação, utilizando-se de oficinas temáticas, produção multimídia, palestras, formação das embaixadoras que são jogadoras e ex-jogadores de futebol que atuavam ministrando oficinas (ANJOS et al., 2018).

Além disso, exemplos citados no estudo de Silva e Nazário (2018), ao descrever a equipe do Chimarrão de Estân-

cia Velha no Rio Grande do Sul agindo de forma influente na região, também podem neste caso servir de motivação para todas as mulheres, inclusive as que estão começando. Dentre as ações citadas estão as que envolvem a participação das atletas em eventos sociais e comerciais, difundindo a prática na região e permitindo dessa forma estabelecer uma rede interação com a comunidade, incentivando dessa maneira a redução do preconceito de toda a sociedade para com a prática de futebol e futsal por mulheres, bem como incentivando a participação das mulheres nas modalidades.

CONCLUSÃO

A partir deste estudo foi possível concluir que a relação da sociedade e do futebol/futsal de mulheres ainda se encontra em conflito, tendo o machismo, a misoginia, a invisibilidade e a falta de conhecimento como questões sociais que implicam no preconceito com o futebol/futsal de mulheres. Também foi observado que embora a mídia tenha alavancado a quantidade de reportagens e notícias sobre o futebol/futsal de mulheres, dando uma maior visibilidade a ele ainda que a passos lentos, ela ainda reforça estereótipos sobre o padrão de vida de mulheres.

Além disso, foi possível observar que o preconceito e a discriminação no futebol/futsal de mulheres ainda são persistentes nos dias de hoje, sendo manifestados inclusive dentro das escolas, onde a iniciação ao futebol pelas meninas acaba por ser prejudicada pela imposição dos meninos, bem como foi descrito que a iniciação é dificultada em outros ambientes em função da falta de espaços e de incentivo da sociedade para com a prática por elas. Dessa forma, salienta-se a necessidade de maiores discussões sobre medidas que visem a desconstrução do preconceito ao futebol de mulheres nos mais diversos ambientes, como nas escolas e na mídia e a criação de políticas públicas de incentivo ao ingresso da mulher no futebol/futsal, para que um dia possamos ter menos estigmas e mais avanços na área.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem a Stephen Procópio Rodrigues pelo apoio na revisão da tradução para o inglês do título e resumo e ao programa Wash.

CONFLITO DE INTERESSE

Os autores do estudo declaram não haver conflito de interesses.

FINANCIAMENTO

O projeto foi financiado por uma bolsa de iniciação científica através do programa Wash/CNPQ.

REFERÊNCIAS

ANJOS, L. A.; RAMOS, S. S.; JORAS, P. S.; GOELLNER, S. V. Guerreiras Project: futebol e empoderamento de mulheres. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 26, n. 1, p. e44154, 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ref/a/8shcQYnJtZTFXmP3pbZRNng/?format=pdf&lang=pt>>.

BANDEIRA, J. T.; COSTA, C. O. De menina e de menino: a influência de pais e familiares na segregação de brinquedos e brincadeiras por gênero. *Revista Ártemis*, v. 27 n. 1, p. 285-305, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/41450/27532>>.

BRASIL. Decreto Lei n. 3.199, de 14 de abril de 1941. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-3199-14-abril-1941-413238-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acessado em: 02 de junho de 2022.

CAPES. Quem somos. 2021. Disponível em <https://www-periodicos-capes.gov.br/ezl.periodicos.capes.gov.br/index.php/sobre/quem-somos.html>. Acessado em: 02 de fevereiro de 2022.

CILISKA, D.; CULLUM, N.; MARKS, S. Evaluation of systematic reviews of treatment or prevention interventions. *Evidence-Based Nursing*, Online, London, v. 4, n. 4, p. 100-4, 2001. Disponível em: <<https://ebn.bmj.com/content/4/4/100.long>>.

COSTA, M. G. B. Perspectivas para o Futebol Feminino: Um estudo a partir do Pelotas/Phoenix. *Revista Brasileira de Futsal e Futebol*, São Paulo, v. 8, n. 31, p. 379-86, 2016. Disponível em: <<http://www.rbff.com.br/index.php/rbfff/article/view/502>>.

COSTA, M. G. B. Um olhar sobre o Campeonato Gaúcho de Futebol Feminino adulto através das reportagens da Gaúcha ZH. *Revista Brasileira de Futsal e Futebol*, São Paulo, v. 10, n. 37, p. 228-234, 2018. Disponível em: <<http://www.rbff.com.br/index.php/rbfff/article/view/581>>.

COSTA, J. E.; DIAS, N.; OLIVEIRA, E. A.; ABURACHID, L. C.; GRUNENVALDT, J. T. A mulher em quadra: evidências contemporâneas do contato inicial com futsal. *Revista Brasileira de Futsal e Futebol*, São Paulo, v. 10, n. 41, p. 694-702, 2019. Disponível em: <<http://www.rbff.com.br/index.php/rbfff/article/view/665>>.

DAS, A. Federação dos EUA fecha acordo, e seleções masculina e feminina terão remuneração igual. *Folha de São Paulo*, online, 18 de mai de 2022. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2022/05/federacao-dos-eua-fecha-acordo-e-selecoes-masculinas-e-femininas-terao-remuneracao-igual.shtml>>. Acessado em: 02 de junho de 2022.

FRANZINI, F. Futebol é "coisa para macho"? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 25, n. 50, p. 315-28, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/rbh/a/nTrFPPWwPkMTKPMmBmtRwCc?format=pdf&lang=pt>

GAVIÃO P. C. S.; ILHA P. V.; FALCÃO C. P. Adesão, permanência e barreiras percebidas na prática do futebol feminino. *Revista Brasileira de Futsal e Futebol*, online, v.10 n.40, p. 550-6, 2018. Disponível em: <<http://www.rbff.com.br/index.php/rbfff/article/view/622>>.

GOELLNER, S. V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 143-51, 2005. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16590/18303>>.

ISTOÉ. Marta lembra preconceitos e início difícil no futebol: "Eu pertencio aos gramados". *ISTOÉ*, online, ed. 273127/05, 24 de ago. 2017. Disponível em: <<https://istoe.com.br/marta-lembra-preconceitos-e-inicio-dificil-no-futebol-eu-pertencio-aos-gramados/>>. Acessado em: 02 de junho de 2022.

JANUÁRIO, S. B.; LIMA, C. A. R.; LEAL, D. Futebol de mulheres na agenda da mídia: uma análise temática da cobertura da Copa do Mundo de 2019 em sites jornalísticos brasileiros. *Observatório*, Palmas, v. 14, n. 4, p. 42-62, 2020. Disponível em: <<http://obs.obercom.pt/index.php/obs/article/view/1590/pdf>>.

KESLER, C. S. "Entra aí pra completá": narrativas de jogadoras do futsal feminino em Santa Maria - RS. 2010. 128f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria. 2010 Disponível em: <<https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/6197/KESLER%2c%20CLAUDIA%20SAMUEL.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>.

MAFFEI, W. S.; VERARDI, C. E. L.; DE CARVALHO, B. J. O interesse feminino pelo futebol na escola. *Revista Brasileira de Futsal e Futebol*, São Paulo, v. 11, n. 45, p. 507-14, 2020. Disponível em: <<http://www.rbff.com.br/index.php/rbfff/article/view/848>>.

MAZO, J. Z.; BALARDIN, G. F.; BATAGLION, G. A. Mulheres no futebol: alterações no regulamento da Conmebol e espaço na mídia televisiva. *Revista Caminhos da História*, Montes Claros, v. 25, n. 1, p. 58-73, 2020. Disponível em: <<https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/caminhosdahistoria/article/view/2626>>.

MOURÃO, L.; MOREL, M. As narrativas sobre o futebol feminino: o discurso da mídia impressa em campo. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Brasília, v. 26, n. 2, p. 73-86, 2005. Disponível em: <<http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/148/157>>.

NASCIMENTO, I.; SAID, G. Construção de identidades femininas: as narrativas sobre a Seleção Brasileira feminina de futebol no "Globo Esporte" e "Esporte Espetacular". *Correspondências & Análisis*, Santa Anita, n. 8, p. 97-120, 2018. Disponível em: <<http://ojs.correspondenciasyanalisis.com/index.php/Journalcya/article/view/297/272>>.

O GLOBO. Marta ganha menos de 1% do salário do Neymar. Bolsonaro diz que é o mercado, mas não é verdade. Entenda. *O GLOBO*, online, 18 de jan. 2021. Disponível em: <<https://revistamarieclaire.globo.com/Celebridades/noticia/2017/01/simone-biles-rebate-criticas-sobre-o-seu-corpo-com-um-tuite-poderoso.html>>. Acesso em 02 de junho de 2022.

PASSERO, J. G.; BARREIRA, J.; TAMASHIRO, L.; SCAGLIA, A. J.; GALATTI, L. R. Futebol de mulheres liderado por homens: uma análise longitudinal dos cargos de comissão técnica e arbitragem. *Movimento*, Porto Alegre, v. 26, p. e26060, 2020. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/100575/58052>>.

REDAÇÃO MARIE CLAIRE. Simone Biles rebate críticas sobre o seu corpo com um tuíte poderoso. *Redação Marie Claire*, online, 05 de jan. 2021. Disponível em: <<https://revistamarieclaire.globo.com/Celebridades/noticia/2017/01/simone-biles-rebate-criticas-sobre-o-seu-corpo-com-um-tuite-poderoso.html>>. Acessado em: 02 de junho de 2022.

SALVINI, L.; MARCHI JÚNIOR, W. "Guerreiras de chuteiras" na luta pelo reconhecimento: relatos acerca do preconceito no futebol feminino brasileiro. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 303-11, 2016. DOI: <<https://doi.org/10.1590/1807-55092016000200303>>.

SILVA, A. L. S.; NAZÁRIO, P. A. Mulheres atletas de futsal: estratégias de resistência e permanência no esporte. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 26, n. 1, e40862, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/40862>>.

SOUZA, M. T. O.; CAPRARO, A. M.; SILVA, M. M. Habilidosas e bonitas: as considerações de duas atletas de futebol sobre a formação de suas identidades. *Movimento*, Porto Alegre, v. 27, n. 23, p. 883-94, 2017. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/64827>>.

SOUZA, M. M.; AIRES, H.; GONÇALVES, G. H. T.; BALBINOTTI, C. A. A. Mulheres no futsal: motivos que levam à prática. *Kinesis*, Santa Maria, v. 35, n. 3, p. 101-8, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/kinesis/article/view/26702/pdf>>.

TRAJANO, R. W.; ALMEIDA, N. F. P.; RODRIGUES, M. C.; FERNANDES, L. A. B.. Time amador juvenil de futsal feminino de Barra do Garças - MT: rompendo limitações na construção do gênero mulher. *Conexões*, Campinas, v. 15, n. 1, p. 65-91, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8646350>>.

ORCID E E-MAIL DOS AUTORES

Gustavo Henrique de Almeida-Silva

 <https://orcid.org/0000-0002-2436-5560>

 gustavo.henrique1@aluno.ifsp.edu.br

Victor Barbosa Ribeiro (Autor Correspondente)

 <https://orcid.org/0000-0001-8753-7975>

 victorbarbosa@ifsp.edu.br